



Revista Oculum Ensaios

ISSN: 1519-7727

ISSN: 2318-0919

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

TAVARES, MARCELO RIBEIRO; VAZ, LILIAN FESSLER; MATOS, MADALENA CUNHA  
COPACABANA E O VÔLEI: UMA HISTÓRIA DE LAZER E ESPORTES NA PRAIA 1

Revista Oculum Ensaios, vol. 18, e214899, 2021

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

DOI: <https://doi.org/10.24220/2318-0919v18e2021a4899>

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=351766234013>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais informações do artigo
- ▶ Site da revista em [redalyc.org](http://redalyc.org)

The logo for Redalyc, featuring the text 'redalyc.org' in a stylized font with a red dot above the 'y'.

Sistema de Informação Científica Redalyc

Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal

Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa  
acesso aberto

## **COPACABANA E O VÔLEI: UMA HISTÓRIA DE LAZER E ESPORTES NA PRAIA<sup>1</sup>**

COPACABANA AND VOLLEYBALL: A HISTORY OF LEISURE AND SPORTS IN THE BEACH

MARCELO RIBEIRO TAVARES, LILIAN FESSLER VAZ, MADALENA CUNHA MATOS

### **RESUMO**

Com o reconhecimento de que entre esporte e cidade há uma relação de interdependência importante, o objetivo deste artigo é analisar a expansão da cidade do Rio de Janeiro em direção à costa, na qual Copacabana aparece como um bairro de referência para usos relacionados ao lazer, sobretudo para o vôlei, desde os anos 1920 até sediar a arena olímpica em 2016. Através de pesquisa documental sobre a história do bairro, do esporte e das inúmeras transformações urbanas pelas quais o lugar passou, verifica-se que o vôlei assegura lugar importante na consolidação do espaço da orla. Conclui-se que, do esporte praticado cotidianamente aos eventos regulares de âmbito internacional, a praia de Copacabana tornou-se referência para a prática de vôlei e para o fortalecimento de sociabilidades tipicamente praianas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Esporte. História urbana. Rio de Janeiro, Brasil.

### **ABSTRACT**

*Acknowledging that between sports and the city there is an important interdependence, the objective of this article was to review the expansion of the city of Rio de Janeiro towards the sea shore, in which Copacabana appears as a reference neighborhood for beach leisure, especially for volleyball, beginning in the 1920s until hosting the Olympic arena in 2016. Through documentary research on the history of the neighborhood, sports and the countless urban transformations, it turns out that volleyball plays an important role in the consolidation of the beachfront space. It is concluded that from the sports practiced daily to the regular international events, Copacabana beach has become a reference for the practice of volleyball and for the strengthening of typical beach sociability.*

**KEYWORDS:** Sports. Urban history. Rio de Janeiro, Brazil.

## INTRODUÇÃO

**AS CIDADES LITORÂNEAS** são conhecidas pela presença de água em sua paisagem. Desde a recomendação dos banhos de mar para melhoria da saúde, no início dos anos 1900, o uso das orlas, principalmente marítimas, tem aumentado e sido cada vez mais valorizado. Um dos usos mais importantes é aquele voltado para as atividades de lazer, dentre as quais os esportes se fazem presente de maneira distintiva. Assim, há os esportes tipicamente realizados em praias, como aqueles praticados no mar (surfe, *stand up paddle*, mergulho), nas areias (peteca, frescobol, altinha) e nos calçadões (caminhadas, ciclismo, patinação). Além disso, muitos esportes tradicionais praticados em ginásios e estádios são adaptados para serem praticados na praia, como futebol, vôlei e tênis – o que, por si só, já dá uma dimensão da quantidade de possibilidades e de praticantes envolvidos.

O objetivo central deste artigo é destacar a expansão da orla do bairro de Copacabana, na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, como um lugar que abriga diferentes possibilidades para a prática de exercícios e esportes, seja no calçadão, nas areias ou no mar, com destaque para o vôlei por ser uma atividade que se instalou nessa praia desde os anos 1920. Copacabana, nessa época, já estava bem urbanizada. Assim, esporte e lugar criaram uma relação única por ter sido o primeiro bairro de praia na cidade a surgir e pelo vôlei ter se expandido justamente ali no início do século XX.

A base teórica que dá suporte a este estudo tem na história do lugar e na geografia do esporte seus principais fundamentos para compreensão do caso escolhido para análise – o vôlei na praia de Copacabana. Contar a história do lugar, como afirma Abreu (1988), é uma possibilidade de revelar um conjunto de informações carregado de significados culturais, de memórias e de identidades. Por sua vez, a geografia do esporte embasa o estudo da dimensão espacial da atividade esportiva. Logo, as territorialidades formadas pelo esporte no espaço se realizam “[...] a partir de determinadas condições geográficas e históricas”, como afirma Mascarenhas (1999, p. 49), com uma crescente e, atualmente, notória expansão territorial da recreação, pela apropriação de grupos de praticantes e marcação socioesportiva do espaço (AUGUSTIN, 2002) – o que certamente é bastante peculiar em Copacabana, como se quer destacar.

A metodologia adotada se concentra na revisão de literatura e na pesquisa documental para destacar a formação do bairro e a presença dos usos esportivos desde cedo. O recorte aqui adotado enfatiza a história do vôlei com o bairro, mas a pesquisa maior, como um todo, explorou a presença das 103 quadras em plena atividade hoje como a possibilidade da formação de uma territorialidade específica onde os praticantes guardam memórias e afetos que são significativos não só para os grupos que frequentam a rede, mas porque permitem também que esse esporte seja praticado há quase cem anos de forma distintiva ao longo dos quase quatro quilômetros dessa praia – como analisado

de forma mais extensa em pesquisas recentes (TAVARES, 2018, 2020; TAVARES; VAZ; MATOS, 2020).

Dessa forma, destaca-se a seguir que o vôlei guarda uma relação muito importante com Copacabana, tendo se afirmado como uma atividade exercida na orla desde o início do uso da praia como lugar de lazer até os dias atuais. O vôlei está presente não só em Copacabana, mas em outros bairros litorâneos como Ipanema, Leblon e Barra da Tijuca, além de quadras espalhadas por praças e parques da cidade. Entretanto, foi e é em Copacabana – “[...] mirante do azul, em quíchua” (CARDOSO et al., 1986, p. 19) –, que o esporte se evidencia como prática mais conhecida, difundindo ele próprio e o bairro internacionalmente através de campeonatos que têm ampla cobertura na mídia.

### A CIDADE: A EXPANSÃO DO RIO DE JANEIRO EM DIREÇÃO À ORLA

Fundada em 1565 na península à entrada da baía de Guanabara, esse núcleo inicial da cidade resistiu e se expandiu em direção aos atuais bairros do Flamengo e de Botafogo, onde surgiram chácaras e fazendas que sediaram os primeiros moradores. Com o passar dos anos, o Rio de Janeiro passou a ser considerado uma cidade portuária estratégica do Império português. No entanto, ainda no final do século XIX, não estava dividida funcionalmente e o centro do Rio concentrava quase todos os usos, já que a moradia precisava estar perto do trabalho devido à dificuldade de transportes. Entre os anos de 1870 a 1890, a população da cidade se multiplicou e a implantação de bondes e trens facilitou o deslocamento das pessoas, permitindo que elas pudessem morar em áreas mais afastadas do Centro. Diversos bairros se originaram nesse período, estimulando o mercado imobiliário, uma vez que “investir na cidade tornava-se assim um bom negócio” (CARDOSO et al., 1986, p. 25).

Parte dos interesses imobiliários, entretanto, dependia da expansão da malha da cidade, e a Zona Sul era o alvo principal desses investimentos, em especial Copacabana. A atração exercida pelo bairro balneário provocou intensa guerra por concessão de transporte desde os anos 1870, cujo objetivo era o prolongamento dos trilhos para bondes até Copacabana, o que faria com que fosse necessário construir um túnel passando pelo Morro do Barroso. Em 1892 foram inaugurados o atual Túnel Velho e, conseqüentemente, a primeira linha de bondes que em 1894 se ramificou em direção ao Leme e ao atual Posto Seis.

Diante de todo esse processo de transformação, é curioso, como destaca Abreu (1988, p. 73), que, anteriormente, o Estado tinha a função de “[...] regular, controlar, estimular ou proibir iniciativas que partiam exclusivamente da esfera privada” no que dizia respeito ao crescimento da cidade. Dessa vez, porém, houve uma intervenção direta do Estado sobre o Urbano, que “[...] não só modificou definitivamente essa relação, como alterou substancialmente o padrão de evolução urbana que seria seguido pela cidade no século XX” (ABREU, 1988, p. 73). O resultado dessa intervenção provocou uma “transformação acelerada da forma da cidade, tanto em termos de aparência

(morfologia urbana) como de conteúdo (separação de usos e de classes sociais no espaço)", o que apressou "o processo de estratificação espacial que já era característico da cidade desde o século XIX" (ABREU, 1988, p. 73).

Em 1913, após ser atingida por uma potente ressaca, a Avenida Beira Mar precisou ser reconstruída entre as praias do Flamengo e Botafogo, da mesma forma que os bairros do Leme, Copacabana e Urca, uma vez que um trecho da Avenida Atlântica teve a muralha e a pavimentação destruídas. Em 1919, o prefeito Paulo de Frontin alargou, pavimentou, instalou iluminação elétrica e reconstruiu parcialmente a muralha da Avenida Atlântica, que havia sido atingida novamente por uma ressaca. Além disso, construiu a atual Avenida Delfim Moreira, o prolongamento da Avenida Vieira Souto até a Avenida Niemeyer, com a duplicação da sinuosa avenida, e ordenou a construção do cais da Urca, entre outras obras na Zona Sul. Isso tudo aconteceu em apenas seis meses de mandato, para receber a visita do Rei Alberto e da rainha Elizabeth da Bélgica, em 1920, como aponta Fernandes (2011).

## **O BAIRRO: COPACABANA, VERTICALIZAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DOS USOS DE LAZER**

A revolução urbanística pela qual Copacabana passou no decorrer dos anos 1940, 1950 e 1960 definiu um novo conceito de vida urbana para o carioca e para o brasileiro, e o bairro acabou se tornando uma expressão de forças econômicas, sociais e culturais. Assim, se transformou no que é hoje por conta de fatores como o desenvolvimento da produção capitalista da moradia (a incorporação imobiliária) e o crescimento das camadas médias na cidade, além da procura por prestígio social dado pelo local onde se mora. O bairro sofreu profunda transformação no espaço construído (real) e radical mudança na imagem que o morador tinha da cidade (simbólico); ou seja, "[...] no limite, Copacabana foi exatamente isso: a irrupção do simbólico no real, a materialização, no espaço, de uma nova maneira de viver e pensar a cidade" (CARDOSO et al., 1986, p.136).

No ano de 1940, a vida noturna de Copacabana era intensa e estava dividida entre dois cassinos: o Cassino Copacabana (pertencente ao hotel Copacabana Palace, inaugurado em 1923) e o Cassino Atlântico. Em 1950, a vida noturna de toda a cidade transferiu-se definitivamente para Copacabana (EMPRESA DE TURISMO DO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO, 1992). A representação do bairro, ademais, se estendia para além do cenário nacional, como comenta O'Donnell (2013, p. 194): "Lançado pela Disney em 1943, o filme *Alô, amigos* trazia o americano Pato Donald deslumbrado diante do cenário tropical [e] não deixava dúvidas sobre o protagonismo atribuído naquele momento a Copacabana". Ainda assim, até o início da década de 1940, Copacabana era um bairro estritamente residencial e, com isso, o comércio de padarias, quitandas e farmácias predominava. Entre 1940 e 1950, a população do bairro, que tinha alto poder aquisitivo facilitado pelo transporte, escritórios, consultórios,

serviços financeiros e comerciais, além de serviços de hotelaria, culturais e recreativos, como os luxuosos cinemas, quase dobrou.

A partir dos anos 1960, então, “[...] já era possível nascer e morrer em Copacabana sem nunca ter saído de lá para nada, a não ser para passear no Rio de Janeiro” (CARDOSO et al., 1986, p. 71). A nova fisionomia do bairro, que viu a substituição de suas casas por edifícios de apartamentos desde o final dos anos 1930, consolidava um bloco maciço de concreto, que contribuiu para a redefinição das formas de morar na cidade como um todo: a verticalização (VAZ, 2002).

O grande *boom* imobiliário ocorreu no período entre os anos 30 e 50, quando o setor da construção civil, aproveitando-se da ideologia que associava o estilo de vida ‘moderno’ à localização residencial próxima ao mar, foi gradativamente substituindo os padrões de construção antigos, espaçosas casas unifamiliares construídas há apenas cerca de 2 ou 3 décadas, por edifícios de vários pavimentos (RANGEL, 2001, p. 19).

Com a transferência da capital federal do Rio de Janeiro para Brasília, em 1960, o crescimento da inflação e o enfraquecimento da moeda nacional frente ao dólar, o processo de concentração de renda “adquiriu uma dimensão nitidamente espacial, pois a separação de classes sociais no espaço já era um fato concreto” (ABREU, 1988, p. 118). Aconteceu também nos anos 1960, sob a administração do governo Negrão de Lima, a construção de mais um túnel ligando a Rua Barata Ribeiro à Rua Raul Pompéia, permitindo a expansão do bairro e caracterizando esse período pelas obras viárias na cidade. Outra obra viária representaria, entretanto, uma marca para o bairro nos anos 1960: o alargamento da praia de Copacabana, com a duplicação da Avenida Atlântica e a remodelação de seu calçadão por Roberto Burle Marx (LIMA et al., 1992) que, sem dúvida, favoreceria ainda mais a utilização desse espaço da cidade para os usos de lazer, sobretudo pela popularização do bairro, com sinais até de depreciação face aos bairros mais “novos” das zonas Sul e Oeste da cidade.

Após o período de grandes investimentos em obras viárias, se deu continuidade à expansão do chamado anel viário litorâneo com o alargamento das praias de Ipanema e Leblon, além da criação da autoestrada Lagoa-Barra, que incitaria o desenvolvimento da baixada de Jacarepaguá (ANDREATA; CHIVARI; REGO, 2009). As obras realizadas na cidade que cresceu ao longo das últimas décadas foram, aos poucos, se diversificando, dando-se preferência àquelas voltadas ao fortalecimento de regiões valorizadas. Andreatta, Chivari e Rego (2009) destacam importantes ações de intervenção em espaços públicos da cidade do Rio de Janeiro dos anos 1990 para cá: o Rio Cidade, os projetos para a Praça XV e para o porto do Rio, o Rio Orla e o Rio Mar. Esses dois últimos projetos, na orla da cidade, ajudaram a valorizar os usos comuns em espaços já voltados para o lazer e para o esporte, tão característicos do Rio de Janeiro e de Copacabana.

## A PRAIA: A ORLA E OS USOS ESPORTIVOS

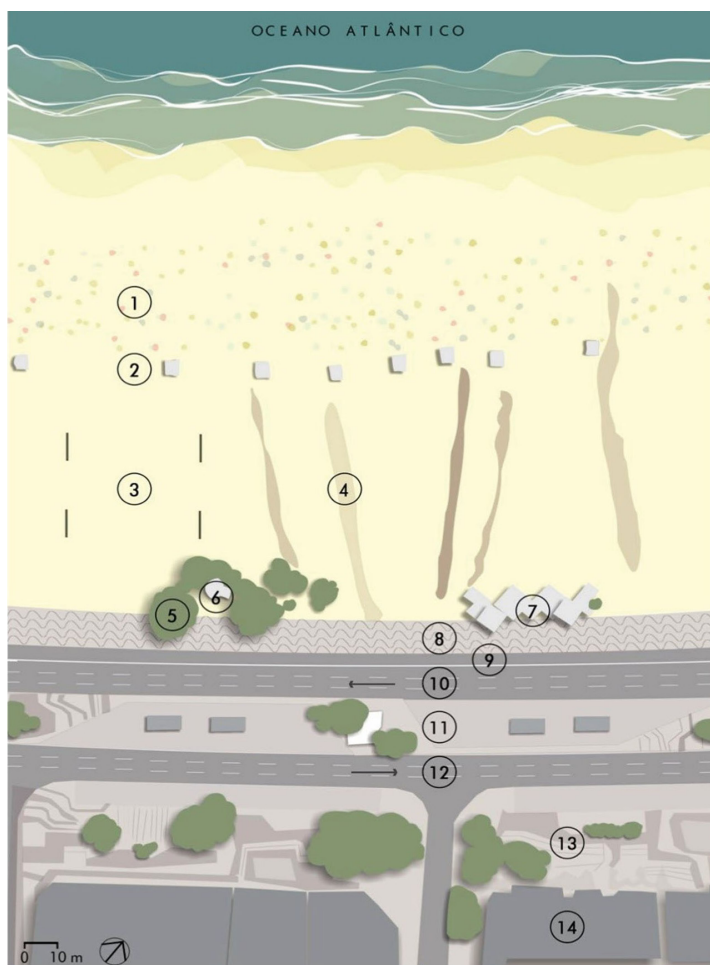
As praias do Rio de Janeiro, consagrado como uma cidade litorânea, abrigam um enorme contingente de pessoas em busca de ofertas de lazer à beira-mar. Desde a abertura da Avenida Atlântica já se anunciava um novo estilo de interação com a cidade, com o calçamento do passeio em pedras portuguesas feito por calceteiros vindos de Lisboa: “Nascia ali, já em 1906, um dos maiores ícones de Copacabana” (O’DONNELL, 2011, p. 64).

Em 1909, o metro quadrado de terra mais caro da cidade do Rio de Janeiro é anunciado na praia do Leme e, por conta disso, a Prefeitura passa a regulamentar o funcionamento dos balneários, já que os banhos de mar viraram moda. Em 1917 foi baixado um decreto que estabelecia o horário em que as pessoas podiam frequentar a praia, sendo que os banhos de mar “[...] a conselho médico eram *ao morrer da madrugada e pouco antes do sol se pôr*” (EMPRESA DE TURISMO DO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO, 1992, p. 21, grifos do autor).

Barickman (2016, p. 4) destaca que essa extensão da faixa de areia “[...] permitia que os banhistas desenvolvessem nelas a gama de atividades que passaram a fazer parte da prática de frequentar a praia”, mas sempre envolveu a criação de parâmetros para os frequentadores e para as atividades. Donadio (2011) esclarece que, a partir de 1927, “[...] horário do serviço de salvamento se estendia às 11 da manhã e ainda assim não dava conta da crescente população que demandava os banhos”. Ademais, a extensa faixa de areia, obviamente, contribuiu para o crescimento dos “[...] divertimentos sobre as areias, especialmente os jogos esportivos. Por esse ano já se praticavam em Copacabana o ‘foot-ball’, o ‘voley-ball’ e a peteca” (DONADIO, 2011, p. 6).

Nos anos 1920 e principalmente ao longo dos anos 1930, 40 e 50, o uso do espaço público urbano da praia de Copacabana se consolidou, inclusive, com a realização de diversos campeonatos amadores de vôlei de praia e de competições de mergulho. Em 1945 “[...] foi o *boom* dos esportes de praia: jogava-se pelada, peteca e o futebol de areia, que deu origem a diversos clubes” (EMPRESA DE TURISMO DO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO, 1992, p. 21). Nos anos 1960, viu-se o surgimento de outras práticas esportivas, como o chamado “jacaré” – espécie de surfe com o corpo, sem o uso de pranchas –, “o futevôlei, uma prática que mistura as técnicas do futebol de areia com as de vôlei de praia e a pesca submarina e o mergulho, atividades que eram praticadas na Pedra do Arpoador” (FONSECA, 2011, p. 77).

Entretanto, foi no final dos anos 1950 que as atividades esportivas em Copacabana passaram a ser oficiais. A criação do projeto “Praias de Recreio”, lançado pela Divisão de Educação Física do Ministério da Educação, que tinha Clovis Salgado como titular da pasta, dispunha da seguinte programação: ginástica rítmica, jogos infantis e cânticos folclóricos para crianças, atividades orientadas por professores de educação física. Cada posto de salvamento passou a ser um centro de atividade. O Posto Seis foi destinado aos iniciantes e



**FIGURA 1** – Esquema genérico de usos predominantes na orla de Copacabana.

Nota: (1) Banhistas; (2) Barracas de serviços; (3) Postes para redes de vôlei e Traves para futebol; (4) Areia molhada; (5) Vegetação; (6) Posto de Salvamento – 3; (7) Quiosques; (8) Calçadão com paginação “ondas”; (9) Ciclovias; (10) Faixa de veículos sentido Posto 1; (11) Faixa de serviços com paginação “Burle Marx”; (12) Faixa de veículos sentido Posto 6; (13) Calçada junto às construções com paginação “Burle Marx”; (14) Edificações.

**Fonte:** Elaborado pelos autores (2019), com base em Google Earth (2019).

os outros Postos foram destinados a crianças com mais de sete anos e a adultos (EMPRESA DE TURISMO DO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO, 1992). A partir dos anos 1960 a praia foi se tornando um lugar cada vez mais procurado para a prática esportiva. Nos anos 1970 e 1980 essas práticas estavam ainda mais consolidadas.

Com o crescimento populacional, as demandas para a orla da cidade se ampliaram e eventos esportivos e culturais passam a ser cada vez mais frequentes a partir dos anos 1990, sobretudo na orla de Copacabana. Os eventos esportivos, contudo, chamam a atenção e merecem destaque por terem se tornado parte da cultura local. Os quiosques se tornaram pontos de permanência de pessoas no calçadão e surgiram as barracas que vendiam bebidas e comidas, instaladas na própria areia. A prática esportiva é diversificada e abrange públicos de gêneros e idades diversas (RANGEL, 2001). Assim, a faixa de areia se configura como a coexistência de banhistas

tomando sol, mais próximo ao mar, e a faixa que resta até o calçadão passa a ser disputada por diversas modalidades esportivas em diferentes horários: “[...] futebol, vôlei, corrida, caminhada, peteca, frescobol, altinho e arremesso de discos [...], sendo caracterizada também pela presença de traves e redes que sinalizam o espaço das quadras na faixa de areia” (FONSECA, 2011, p. 94).

O uso sistemático da praia para a prática de modalidades esportivas, contudo, não se deu de forma pacífica. Copacabana era o lugar preferido para as manifestações esportivas, que foram objeto de considerações desde que surgiram: “O jogo com bolas nas praias e seus inconvenientes para os que se deitam na areia, foi sempre objeto de repetidas regulamentações” (ANDREATTA; CHIVARI; REGO, 2009, p. 12). Os autores esclarecem ainda que em 1968 um decreto foi publicado para regulamentar a prática de esportes no trecho de areias da praia que ia desde o Leme até o chamado Pontal do Recreio de Sernambetiba. Entretanto, nas palavras dos autores, “[...] a indisciplina acabou prevalecendo, já que cada indivíduo sempre insistia em interpretar a praia como um território livre” (ANDREATTA; CHIVARI; REGO, 2009, p. 13). Como os praticantes de grande parte dos esportes insistiram e continuam insistindo em realizar as atividades na orla, suscitando algum conflito, alguma regulamentação, a marcação de identidades esportivas e apropriações diversas, sobretudo através do vôlei, se faz necessária (Figura 1).

## O VÔLEI: SUA HISTÓRIA E SUA INTERFACE COM COPACABANA

Os esportes coletivos, em linhas gerais, são jogos oficializados que podem ser praticados de forma competitiva ou como atividade recreativa e de lazer. O *Volleyball* foi criado no ano de 1895 pelo norte-americano William George Morgan (1870-1942), que resolveu criar um jogo recreativo que fosse, simultaneamente, competitivo e sem contato físico, com o objetivo de atrair o público mais velho que estava perdendo o interesse pela atividade física. Em pouco tempo, a modalidade foi amplamente difundida dentro dos Estados Unidos. Em 1897 foram publicadas as primeiras regras do voleibol; em 1900 a modalidade esportiva chegou ao Canadá; em 1910 chegou à América do Sul pelo Peru e, finalmente, em 15 de novembro de 1911 chegou ao Brasil através da Associação Cristã de Moços (ACM) de Recife. O registro de entrada da modalidade no país encontra-se na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (BIZZOCCHI, 2013).

O vôlei de praia, por sua vez, apesar de ter se originado do voleibol, que é praticado em quadras fechadas (*indoor*), não teve propriamente um inventor. Em 1907, a I Convenção de “*Playgrounds of America*” (Associação Nacional de Recreação), localizada em Ohio, Estados Unidos, apontou o voleibol como um dos esportes mais populares jogados ao ar livre e, por conta disso, a partir dos anos 1920 essa modalidade esportiva se difundiu nas praias de Santa Mônica, Califórnia. Isso se deveu, sobretudo, à sua adaptabilidade: necessidade de poucos equipamentos, possibilidade de variação do número de jogadores, ausência de contato físico e esforços moderados empregados na prática, entre outros fatores (AFONSO, 2004).

No Brasil, o espaço público da praia começou a atrair as pessoas devido aos seus atributos naturais e em “Copacabana, local que denotou status e estilo de vida de uma classe dominante nas décadas de 1930 e 1940 no Rio de Janeiro, então capital da república, se definiu também como espaço de lazeres populares, dentre eles os esportes” (OLIVEIRA; COSTA, 2010, p. 100). Nesse período havia inúmeras redes armadas pela manhã na faixa que ia do Leme ao Posto Seis. As equipes eram mistas e compostas por moradores do bairro. Segundo o Grupoamento Marítimo de Salvamento, naquela época já existiam 256 redes de vôlei credenciadas em toda a orla da Zona Sul e grande parte estava localizada em Copacabana, sendo que, nos finais de semana, esse número triplicava por conta do aparecimento de redes piratas (EMPRESA DE TURISMO DO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO, 1992). Alguns estudos sobre a prática do vôlei nas praias dão conta de que, na década de 1920, já havia jogos de vôlei acontecendo em praias norte-americanas e, “[...] ao que tudo indica, nessa década, também no Rio de Janeiro já havia praticantes do vôlei de praia” na altura do Posto Seis, próximo ao Forte de Copacabana, em 1927 (MELO, 2011, p. 1).

Nos postos Cinco e Seis se concentravam os pontos das redes mais tradicionais, muitas batizadas com o nome do seu proprietário, como foi o caso da famosa rede Bebê Barreto, que venceu o 1º Campeonato de Vôlei de

Praia patrocinado pelo Jornal dos Sports, em dezembro de 1946 (EMPRESA DE TURISMO DO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO, 1992). Logo as praias se consolidaram como espaço recreativo que amplia o surgimento de diferentes práticas esportivas, como o futevôlei, peteca, futebol de areia e o vôlei de praia. Mais do que isso, a beleza dos corpos em movimento começa a ressignificar a paisagem, conforme destacam Oliveira e Costa (2010, p. 99): “[...] área repleta de sol, mar e areia, configuram uma paisagem que transmite momentos e sensações de bem-estar, amplitude, plenitude e uma visão do infinito” – o que certamente ajuda a distinguir Copacabana como cenário espetacular também para a prática esportiva.

Nesse período inicial de prática do vôlei de praia, não se pode esquecer da emblemática figura de Leah Mendes de Moraes, a Tia Leah. Nascida em 1919, “[...] surgiu como precursora do Vôlei de Praia como lazer em Copacabana, na cidade do Rio de Janeiro”. Tia Leah começou a jogar em 1934 e parou somente em 1989, aos 70 anos. Em 1950, próximo ao Forte de Copacabana, no Posto Seis, “[...] fixou-se um grupo formado por frequentadores da rede de vôlei da Tia Leah”, onde só jogavam aqueles que fossem convidados dela, geralmente atletas consagrados da modalidade (OLIVEIRA; COSTA, 2010, p. 105). Em pouco tempo o local inaugurado por ela virou *point* e contribuiu para o desenvolvimento do esporte e do reconhecimento da praia de Copacabana como local dessa prática. Tia Leah faleceu em 2012, aos 93 anos.

Assim, a praia de Copacabana congrega e atrai um conjunto variado de pessoas, famosas ou anônimas. Na areia, numa prática esportiva de lazer, cada um exerce sua função em um espaço delimitado onde é realizado o jogo, que é composto de regras a serem respeitadas, como num contrato lúdico (OLIVEIRA; COSTA, 2010), inclusive com pessoas idosas e em grupos que mesclam diferentes faixas etárias (LOBATO, 2012). O jogo, como parte das atividades da praia – espaço democrático por excelência –, tem suas regras e convenções, o que não exclui o conflito, “[...] com situações de roubo, furto e mesmo agressões” (VELHO, 1999, p. 19), dando complexidade a essa dimensão cotidiana.

Por fim, amparada pela recapitulação da história do bairro e do vôlei de praia no Brasil, é bastante evidente a relação particular que o vôlei guarda com a praia de Copacabana, lugar onde essa prática se manifestou logo nos primeiros momentos de desenvolvimento da orla do bairro, no início do século XX:

A presença em espaços públicos, o desenvolvimento do banho de mar, a chegada dos bondes e o deslocamento da população do Centro para a orla foram fatores importantes para a praia se transformar em um espaço de lazer e de prática de esportes. O vôlei de praia foi um esporte que se tornou possível através dessas mudanças culturais e sociais (LOBATO, 2012, p. 93).

Nota-se que, a partir da década de 1980, com o surgimento da chamada “Geração Saúde”, muito voltada aos cuidados com a saúde e o corpo, houve

uma explosão no número de academias de ginástica e musculação que se instalaram nas cidades e de praticantes do “cooper”, a caminhada nos espaços públicos. Logo, nas orlas cariocas e mais ainda em Copacabana, no calçadão e nas praias, as práticas relacionadas ao esporte e ao lazer se intensificaram. O bairro como um todo, consolidado pelos prédios, signos da verticalização, e pelas favelas, é um mosaico de subculturas (no sentido de multiplicidade e não dependência) de dinâmica social complexa. Ou, como aponta Resende (2008, p. 203): “A proximidade entre o morro que se expande e o asfalto que encurta toma aí uma configuração inédita que irá, mais tarde, se reproduzir muitas vezes pela cidade”.

A partir dos anos 1980, verificou-se também que o bairro passou por um processo de decadência social e envelhecimento; ou seja, seus moradores ficaram mais velhos e o poder aquisitivo deles diminuiu. Entretanto, fazia parte de Copacabana um estilo de vida que já vinha sendo reproduzido, de alguma forma, nos bairros que deram continuidade à orla urbana que se desenvolveu na Zona Sul do Rio. Como comenta Kaz (2010, p. 79): “A possibilidade de mudança para um estilo de vida mais descontraído, esportivo e ameno foi importante, na medida em que a ‘cultura da praia’ foi se desenvolvendo, estabelecendo novos padrões lúdicos e estéticos”, o que significa, por outro lado, a crescente preocupação com a gerência desse espaço.

Foi nos anos 1980 que a prefeitura da cidade adotou uma política administrada pela Secretaria Municipal de Ordem Pública (SEOP), apoiada na Lei nº691, de 24 de dezembro de 1984, art. 136, organizando as atividades realizadas na praia e isentando determinados grupos de pessoas do pagamento da chamada Taxa de Uso de Área Pública (TUAP) (PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO, 1984, *online*):

- I – os vendedores ambulantes de jornais, revistas e bilhetes de loteria;
- II – ao que venderem nas feiras-livres, exclusivamente, os produtos de sua lavoura e os de criação própria – aves e pequenos animais – desde que exerçam o comércio pessoalmente por uma única matrícula;
- III – os deficientes físicos;
- IV – as pessoas com idade superior a 60 (sessenta) anos, que, comprovadamente, não exerçam outra atividade econômica;
- V – os aparelhos, máquinas, equipamentos e tapumes destinados à execução ou proteção de obras subterrâneas;
- VI – as marquises, toldos e bambinelas;
- VII – as doceiras denominadas “baianas”. Parágrafo único. O reconhecimento da isenção prevista neste artigo constará obrigatoriamente da autorização para o exercício da atividade.

Por outro lado, os donos dos postes e os responsáveis pelas escolinhas de vôlei que exercem suas atividades com certa autonomia nas praias necessitam ter uma autorização expedida por essa Secretaria e renová-la a cada seis

meses para receberem um selo de “nada a opor”, além de terem que pagar a TUAP, uma vez que não estão isentos do pagamento da taxa como aqueles anteriormente mencionados. O simples cumprimento dessas determinações garante aos requisitantes a autorização para a exploração comercial do espaço público da praia, no caso das escolinhas, ou para o simples lazer.

As transformações pelas quais passou Copacabana desde o seu desenvolvimento evidenciam a estreita relação dos esportes praticados na orla com a cidade (*Quadro 1*). Através de leis que regulamentam os usos desse espaço público específico, a orla se consagra como um importante lugar de lazer urbano. A prática do vôlei, que começou a ser jogado nas areias do bairro nos anos 1920, atingiu o seu ápice quase cem anos depois, com a instalação da

**QUADRO 1** – Marcos da história do esporte (e do vôlei) em Copacabana.

Ano	Evento
1895	Invenção do vôlei nos EUA
1911	O vôlei chega ao Brasil pela ACM de Recife/PE
1927	Registros da prática do vôlei na praia de Copacabana
1945	<i>Boom</i> dos esportes de praia. “Invenção” do frescobol em frente ao Copacabana Palace
1946-1947	1º Campeonato de vôlei de praia patrocinado pelo Jornal dos Sports, em Copacabana
1950	Instituição de programa federal para utilização das praias como lugar de lazer e esporte Instalação da rede da Tia Leah, no Posto 6.
1960	Surgimento de outras práticas esportivas: mergulho, futevôlei, etc.
1968	Decreto que regulamentou práticas esportivas nas areias da orla
1970-1980	Consolidação da praia como lugar para atividades esportivas
1982	O vôlei de praia se torna bastante popular nas praias de Copacabana e Ipanema
1986	1ª Exposição Internacional de vôlei de praia: a “Hollywood Volley” reúne astros e estrelas da modalidade (praias de Copacabana e Santos/SP)
1989	1ª edição do circuito mundial (naípe masculino) visitando Brasil, Itália e Japão
1990	1ª etapa do Circuito Mundial de Vôlei de Areia, em Copacabana
2003	Campeonato Mundial de Vôlei de Areia, em Copacabana
2007	Montagem da arena para jogos do vôlei de praia por ocasião dos Jogos Pan-americanos na praia de Copacabana, próxima ao Posto 2. O Brasil conquistou medalha de ouro tanto no naípe feminino, como masculino
2016	Nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, a arena do vôlei de praia foi montada no mesmo local do Pan-americano. O Brasil conquistou a medalha de prata no naípe feminino e a medalha de ouro no naípe masculino

Fonte: Adaptado de Tavares (2020, p. 86-192).

arena olímpica em 2016. Essa arena é a maior já construída no Brasil e a terceira maior do mundo, com capacidade para 12 mil espectadores, e ocupa uma área com mais de 60 mil metros quadrados, equivalente a um prédio de sete andares, conforme assinalado na imagem da estrutura geral da orla, que tem cerca de 4 km de extensão em um tecido urbano bastante consolidado e verticalizado (Figura 2). O vôlei tem, então, uma história com muitos significados não só para o bairro e para a cidade do Rio de Janeiro, mas como referência de lugar para a prática desse esporte e para a formação de territorialidades específicas, marcadas em sua paisagem (TAVARES, 2020; TAVARES; VAZ; MATOS, 2020) – que é merecidamente patrimônio cultural tombado pela Unesco (NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL, c2021, *online*).



**FIGURA 2** – Estrutura geral da área.

Nota: (A) Forte do Leme; (B) Forte de Copacabana; (C) Local onde foi montada a Arena de vôlei; (D) Hotel Belmont Copacabana Palace; (E) Praia de Ipanema; (P1 a P6) Postos de Salvamento; (M1 a M3) Estações de Metrô; (V1 e V2) Vias importantes de conexão.

**Fonte:** Elaborada pelos autores (2019), com base em *Google Earth* (2019).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história da cidade do Rio de Janeiro é marcada pelos conflitos pela disputa de territórios. Isso se estende desde a sua fundação até os dias de hoje. A exploração do mercado imobiliário nas zonas mais ricas e bem servidas da cidade originou e consolidou inicialmente o bairro de Copacabana como uma nova forma de morar na cidade que passou a ser desejada por todo o país. O bairro ganhou notoriedade e ficou conhecido mundo afora desde os anos 1940, lançando moda e sendo o lugar de tendências para morar, com um verdadeiro estilo de vida carioca e voltado para a praia e a vida noturna, com cinemas, bares e teatros.

O bairro de Copacabana é um lugar de importância fundamental no processo de consolidação da cidade e, como lugar de forte presença no

cenário nacional e mundial, tem contornos específicos. O bairro, que teve seu crescimento impulsionado pelos planos de expansão, cresceu, se verticalizou e agregou uma mistura maior de classes sociais como moradores, que se dividem entre extremos, na rica orla com prédios de frente para o mar, ou nas favelas, passando por apartamentos de classe média e classe média alta e, também, pelas famosas quitinetes, já retratadas em filmes e livros.

O bairro é, assim, uma mistura de usos e de públicos diversos, sejam moradores ou turistas que visitam o famoso “cartão postal” carioca e brasileiro. Parte significativa do bairro de Copacabana, a orla formada pela Avenida Atlântica, que se estende do Leme ao Posto 6, congrega atividades e usos que ajudam a reforçar a identidade do bairro como um local para prática de atividades de lazer e entretenimento. Além disso, é um lugar importante de lazer da população da cidade como um todo, pois os esportes têm lugar preferencial na orla e o vôlei tem participação importante nisso.

Em Copacabana há, portanto, desde o vôlei cotidiano ao espetacular e midiático internacional. As ações que se desenrolam a partir dessa atividade formam territorialidades específicas. Não só há a formação de uma territorialidade do vôlei a partir da instalação de postes para fixação da rede e marcação da quadra com fita, por exemplo, delimitando nas areias os espaços para a prática do esporte, como também há a formação de territorialidades específicas, com grupos específicos que se inserem em determinados pontos da orla e em determinadas “redes”, como já registrado (Figuras 3 e 4).



**FIGURA 3** – Territorialidades predominantes do vôlei.

Nota: (A) Faixa de areia extensa, que fica mais erma. Predominância do público masculino (militares); (B) Faixa de areia extensa, que fica mais cheia. Predominância do público LGBTQ+; (C) Faixa de areia extensa, onde se concentra grande parte das redes de vôlei. Compartilhamento do espaço com outros esportes mais evidente. Predominância de público variado e de escolinhas de vôlei; (D) Faixa de areia mais reduzida. Predominância de público variado e de escolinhas de vôlei. Localização da rede da Tia Leah (precursora do vôlei em Copacabana).

**Fonte:** Elaborada pelos autores (2019), com base em *Google Earth* (2019).



**FIGURA 4** – Redes de vôlei em Copacabana, 2019.

Nota: Jogo de vôlei e frescobol, ao fundo. Praia de Copacabana, janeiro de 2019.

Fonte: Acervo pessoal do autor Marcelo Ribeiro Tavares (2019).

O bairro, como um todo, mudou bastante desde seu ápice; se antes era referência de lugar para morar, hoje vive certa decadência, que compete com a continuidade da orla na Zona Oeste – a Barra da Tijuca. Entretanto, através da utilização constante da orla de Copacabana para os mais diversos usos, sobretudo os de lazer esportivo para diferentes camadas da população que moram e têm acesso fácil ao bairro, que é bem conectado à cidade, os espaços são apropriados por cidadãos que interpretam aquele lugar, compartilham seus afetos e criam sociabilidades específicas como aquelas que o vôlei ajuda a demarcar desde os anos 1920 na história da cidade – o que certamente é um aspecto relevante para a memória e para a formação da identidade de Copacabana e também do Rio de Janeiro.

## AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior e à Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro pela concessão das bolsas de estudos para M. R. TAVARES para o desenvolvimento da pesquisa para tese de doutorado em Urbanismo no Brasil (Programa de Pós-graduação em Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro) e durante o intercâmbio em Portugal (Centro de Investigação em Arquitetura, Urbanismo e *Design* da Universidade de Lisboa).

## NOTAS

1. Artigo elaborado a partir da tese de M. R. TAVARES, intitulada “Copacabana: as territorialidades do vôlei e suas múltiplas interpretações”. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2020. Apoio: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior e Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) - E-26/201.854/2019).

## REFERÊNCIAS

- ABREU, M. *Evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPLAN/ZAHAR, 1988. p. 73-118.
- AFONSO, G. *Voleibol de praia: uma análise sociológica da história da modalidade (1985 – 2003)*. 2004. 233 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.
- ANDREATTA, V.; CHIAVARI, M.; REGO, H. O Rio de Janeiro e sua orla: história, projetos e identidade carioca. *Coleção Estudos Cariocas*, n. 9, p. 1-16, 2009.
- AUGUSTIN, J. P. La diversification territoriale et des activités sportives. *L'année Sociologique*, v. 52, n. 2, p. 417-435, 2002.
- BARICKMAN, B. J. Medindo maiôs e correndo atrás de homens sem camisa: a polícia e as praias cariocas, 1920-1950. *Recorde: Revista de História do Esporte*, v. 9, n. 1, p. 1-66, 2016.
- BIZZOCCHI, C. *O voleibol de alto nível: da iniciação à competição*. Barueri: Manole, 2013.
- CARDOSO, E. et al. *História dos bairros: memória urbana: Copacabana*. Rio de Janeiro: João Fortes Engenharia, 1986. p. 19-136.
- DONADIO, P. "Foot-ball" na areia e banhos de sol no Rio de Janeiro (1917-1940). *Recorde: Revista de História do Esporte*, v. 4, n. 1, p. 1-20, 2011.
- EMPRESA DE TURISMO DO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO. *Copacabana: 1892/1992: subsídios para a sua história*. Rio de Janeiro: RIOTUR, 1992. p. 21.
- FERNANDES, M. *Arquivo geral da cidade do Rio de Janeiro: a travessia da Arca Grande e Boa na história carioca*. Rio de Janeiro: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 2011.
- FONSECA, F. *Praia de Copacabana: eventos no espaço público*. 2011. 177 f. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011. f. 77-94.
- KAZ, S. *Um jeito Copacabana de ser: o discurso do mito entre O Cruzeiro e Sombra*. 2010. 249 f. Tese (Doutorado em Design) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010. f. 93.
- LIMA, E. et al. *Rio de Janeiro, uma cidade no tempo: Rio de Janeiro a city through time: Rio de Janeiro une ville au cours du temps*. Rio de Janeiro: Diagraphic Projetos Gráficos e Editoriais, 1992.
- LOBATO, M. *Envelhecer no "paraíso da terceira idade": percepções dos moradores idosos sobre Copacabana*. 2012. 123 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012. p. 3.
- MASCARENHAS, G. A geografia e os esportes: uma pequena agenda e amplos horizontes. *Conexões: Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP*, v. 1, n. 2, p. 47-61, 1999.
- MELO, V. Uma antiga sacada no litoral carioca: o vôlei de praia. Rio, cidade "Sportiva". *Blog Cidade Esportiva*, 2011. Disponível em: <https://cidadesportiva.wordpress.com/2011/07/16/uma-antiga-sacada-no-litoral-carioca-o-volei-de-praia/>. Acesso em: 20 dez. 2019.
- NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL. *Rio de Janeiro é 1ª paisagem cultural urbana declarada Patrimônio Mundial da UNESCO*. Brasília: ONU Brasil, c20121. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/rio-de-janeiro-e-1a-paisagem-cultural-urbana-declarada-patrimonio-mundial-da-unesco/>. Acesso em: 4 jul. 2017.
- O'DONNELL, J. *Um Rio Atlântico: culturas urbanas e estilos de vida na invenção de Copacabana*. 2011. 298 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.
- O'DONNELL, J. *A invenção de Copacabana: culturas urbanas e estilos de vida no Rio de Janeiro (1890-1940)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

OLIVEIRA, L.; COSTA, V. Histórias e memórias de pioneiros do vôlei de praia na cidade do Rio de Janeiro. *Revista de Educação Física/UEM*, v. 21, n. 1, p. 99-113, 2010.

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. Secretaria Municipal de Ordem Pública. *Isenção de TUAP*. Rio de Janeiro: SEOP, 1984. Disponível em: <http://www.pcrj.rj.gov.br/web/seop/exibeconteudo?id=5811335>. Acesso em: 29 jun. 2017.

RANGEL, C. *As Copacabanas no tempo e no espaço: um estudo sobre diferenciação socioespacial e hierarquia urbana*. 2001. 186 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001. f. 19.

RESENDE, B. Ai de mim, Copacabana: a cidade dos vícios e os vícios da cidade. In: MARGATO, I.; GOMES, R. (org.). *Espécies de espaço: territorialidades, literatura, mídia*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p. 197-209.

TAVARES, M. *Territorialidades do vôlei em Copacabana/RJ*. Salvador: UFBA, 2018. p. 94. (Corporidade: Atualização Crítica, v. 1).


TAVARES, M. *Copacabana: as territorialidades do vôlei e suas múltiplas interpretações*. 2020. 229 f. Tese (Doutorado em Urbanismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

TAVARES, M.; VAZ, L.; MATOS, M. Sports and Public Space: volleyball practice in Copacabana and Carcavelos/Cascais Beaches. *Journal of Civil Engineering and Architecture*, v. 14, p. 92-99, 2020.


VAZ, L. *Modernidade e moradia: habitação coletiva no Rio de Janeiro, séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2002.

VELHO, G. Os mundos de Copacabana. In: VELHO, G. (org.). *Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. p. 11-23.

## MARCELO RIBEIRO TAVARES

 <https://orcid.org/0000-0001-5548-8486> | Universidade Federal do Rio de Janeiro | Faculdade de Arquitetura e Urbanismo | Programa de Pós-graduação em Urbanismo | Av. Pedro Calmon, 550, Prédio da Reitoria, Cidade Universitária, Ilha do Fundão, 21941-901, Rio de Janeiro, RJ, Brasil | Correspondência para/Correspondence to: M.R. TAVARES | E-mail: [marcelostavares@globo.com](mailto:marcelostavares@globo.com)

## LILIAN FESSLER VAZ

 <https://orcid.org/0000-0001-9632-9617> | Universidade Federal do Rio de Janeiro | Faculdade de Arquitetura e Urbanismo | Programa de Pós-graduação em Urbanismo | Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

## MADALENA CUNHA MATOS

 <https://orcid.org/0000-0003-1779-3855> | Universidade de Lisboa | Faculdade de Arquitetura | Centro de Investigação em Arquitetura, Urbanismo e Design | Lisboa, Portugal.

## COLABORAÇÃO

M. R. TAVARES realizou atividades de campo, sistematização das informações, análise dos dados e redação do texto. L. F. VAZ e M. C. MATOS auxiliaram na análise e interpretação de dados e revisão do texto.

## COMO CITAR ESTE ARTIGO/HOW TO CITE THIS ARTICLE

TAVARES, M. R.; VAZ, L. F.; MATOS, M. C. Copacabana e o vôlei: uma história de lazer e esportes na praia. *Oculum Ensaios*, v. 18, e214899, 2021. <https://doi.org/10.24220/2318-0919v18e2021a4899>

RECEBIDO EM

14/4/2020

REAPRESENTADO EM

18/9/2020

APROVADO EM

26/10/2020